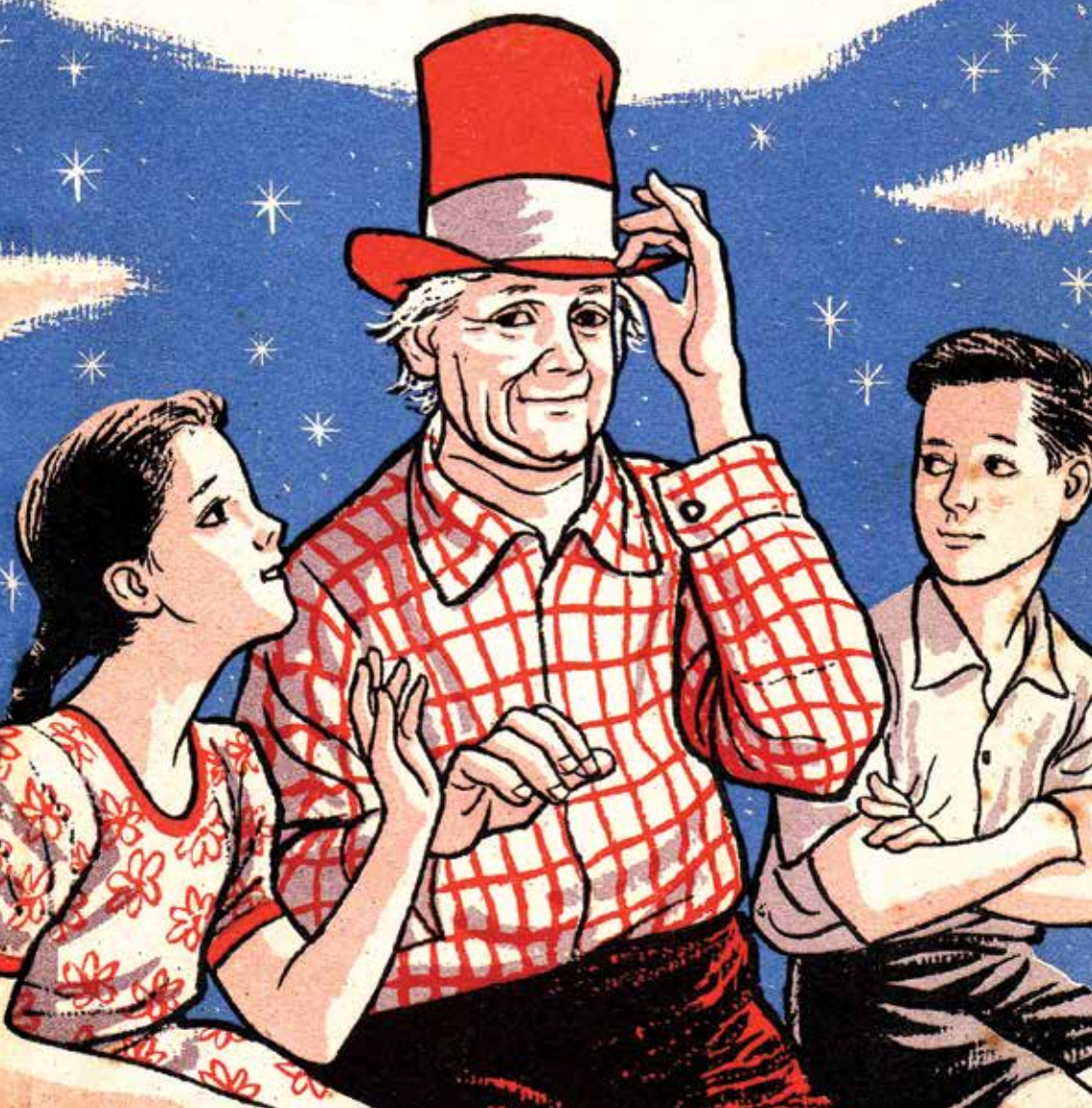


**ALINA PAIM**  
**A CASA**  
**DA CORUJA VERDE**



© Copyright 2019 by Ana Leal Cardoso

Todos os direitos desta edição reservados à autora. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do editor, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Diagramação**  
Joselito Miranda

**Editoração**  
ArtNer Comunicação

**Capa e ilustrações**  
Perci Deane

**Impressão**  
Infographics

**Revisão**  
Ana Leal Cardoso

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

### Ficha Catalográfica

---

P142c

Paim, Alina. (1919-2011).  
Cardoso, Ana Leal. (Org.).

A casa da coruja verde./Alina Paim

- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2019.

92p.:il.

ISBN: 978-85-69567-47-9

1. Literatura infanto-juvenil

2. Lendas: Narrativas

3. Poética- Alina Paim

I - Título

CDU: 82-93 (813.7)

---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

**Editora ArtNer Comunicação**

Tel.: (79) 99131-7653 • 3043-1744 • <http://artner.com.br/>

**ALINA PAIM**

Organização  
Ana Maria Leal Cardoso

# A CASA DA CORUJA VERDE



Aracaju-SE

**ArtNer**<sup>EDITORA</sup>  
Comunicação

2019

## NOTA DO EDITOR

A presente obra foi publicada originalmente em 1962 pela editora Conquista, do Rio de Janeiro.

Nesta edição, de 2019, organizada pela profa. Ana Leal Cardoso, a editora ArtNer optou em manter as características originais da que foi publicada em 1962. Assim, a diagramação, ilustrações e estilo permanecem idênticas à aquela edição.

Por outro lado, tomamos a liberdade de acrescentar pequenas nuances na diagramação, como o tipo de letra, por exemplo, para deixar o livro mais atual. Também são respeitadas as regras gramaticais e ortográficas atuais.

Esta edição tem os direitos autorais conferidos à família da autora, sob responsabilidade de Ana Leal Cardoso.

Abaixo, conforme publicado na edição de 1962.

## DA AUTORA

- *Estrada da Liberdade* – Romance. Editora Leitura, 1944.
- *Simão Dias* – Romance. Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1949.
- *A sobra do patriarca* – Romance. Editora Globo, 1959.
- *A hora próxima* – Romance. Editorial Vitória Ltda, 1955.
- *Sol do meio-dia* – Romance. Prêmio “Manoel Antônio de Almeida” da Associação Brasileira do Livro. Edições ABL – 1961.
- *O duelo de Catarina* – Romance.

## TRADUÇÃO

Em russo:

- *Tchas Blizok*, tradução de *A Hora Próxima*, Editora de Literatura Estrangeira, Moscou, 1957.

Em chinês:

- Tradução de *A Hora Próxima* – Pequim, 1959.

## LITERATURA INFANTIL

*Luzbela vestida de cigana*, 1963

*Flocos de algodão*, 1966

*O chapéu do professor*, 1966

*O lenço encantado*, 1962

*A casa da coruja verde*, 1962

## APRESENTAÇÃO

Vivemos um movimento cultural de reorganização da história literária, em que cai por terra o sentido de uma noção fossilizada do que entendemos por literatura, neste entendimento, novos conceitos imprimem sua força, em que o passado se desenha no presente e permite rever critérios de valorização de autoras e suas obras. Dentro dessa perspectiva, a crítica feminista ganha especial relevo por seu papel de trazer de volta obras e autoras esquecidas ou negligenciadas pelas instâncias de glorificação. Valorizar o trabalho de resgate por parte de estudiosos/as, conscientes do papel de formação da memória do país, travado por ideologias que preconizam uma concepção do presente, é de grande importância para a academia. Embora de forma tímida, iniciamos em 2007 nosso trabalho de resgate de escritoras sergipanas que sumiram das estatísticas da historiografia literária, dos livros, das estantes e dos olhos do público leitor, buscando tornar suas produções conhecidas, como é o caso de Alina Paim.

A republicação do conto infantil *A casa da coruja verde* é uma justa homenagem ao centenário de nascimento de Paim, cuja expressiva produção ficcional- que há muito deveria estar inserida com destaque no percurso do moderno romance brasileiro- traz a marca da luta por uma sociedade mais justa, inclusiva. Não obstante ter produzido dez romances e de ter contribuído significativamente para a expressão da literatura infantil brasileira, iluminada pelas contemporâneas Cecília

Meireles e Clarice Lispector, Paim, que ingressou na vida literária em 1944, com a publicação do romance *Estrada da liberdade*, continua quase desconhecida pela academia. Acreditamos, pois, que o seu obscurecimento, ademais pelo fato de ser mulher em um contexto quase majoritariamente de homens, foi fruto do seu envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro durante quase três décadas. Como militante, ela integrou os projetos culturais do Partido juntamente com os amigos Jorge Amado e Graciliano Ramos.

A literatura infantil de Paim é fruto da experiência da autora durante o período em que lecionou em uma escola para filhos de pescadores, na ilha de Marambaia-RJ. Recém casada com o médico psiquiatra Isaias Paim, o jovem casal migra para o Rio de Janeiro na busca por oportunidades de emprego; entretanto, por lá ela descobriu que seu diploma de professora somente tinha validade nas terras baianas, onde estudou. Sabedora da carência de professores para lecionar na citada ilha, ela assume algumas salas do então curso primário, sem remuneração. Motivada pela necessidade de contar história em sala de aula, a escritora entra do mundo mágico do faz de conta, tece narrativas em que prioriza a zona rural, um dos compromissos do Partido, pois expressava a realidade de um Brasil caboclo. Sua produção destinada ao público infantil é publicada nos anos sessenta do século XX, posterior, portanto, à sua participação no programa de rádio “No reino da fantasia”, da Radio MEC, dirigido por Geni Marcondes entre 1945 e 1956.

Para Rosa Geans “A produção para crianças e jovens reveste-se de pouco prestígio junto à crítica literária; entretanto, essa visão vem se modificando, no bojo de questionamentos das estruturas de poder da cultura ocidental” (GEANS, 2017, p. 163). O século XXI traz à tona textos ‘perdidos’, com vistas a recuperar significados de épocas passadas, autoras envoltas

pela névoa da invisibilidade, como é o caso de Alina Paim que não tem seu nome marcado em muitas obras de referência em literatura. Não encontramos menção a ela, nem na *Historia da literatura brasileira*, de Massaud Moisés, nem em *A literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, e ainda em diversos dicionários de literatura brasileira. No *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, de Nelly Novaes Coelho, nas últimas edições, a escritora é mencionada, suas obras aparecem listadas, acompanhadas do juízo: “Romancista de Garra, profundamente sintonizada com as forças transformadoras de nosso tempo” (COELHO, 2001, p.51). Uma pequena referência a seu respeito consta no *Dicionário bibliográfico de mulheres ilustres notáveis e intelectuais do Brasil*, publicado pela Pongetti, em 1969, em que se pode ler: “Nasceu em Estância, estado de Sergipe, em 1919, A linda escritora que produziu dez romances e algumas obras infantis usa uma técnica arrojada, sinal evidente de sua maturidade como escritora de ficção” (BITTENCOURT, 1969, p.162). Paim escreveu quatro livros dedicados ao público infantil, a saber: *O lenço encantado*, *Luzbela vestida de cigana*, *A casa da coruja verde* e *Flocos de Algodão*, este último destinado aos filhos dos camponeses, publicado em 1966 pela Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo.

Em *A casa da coruja verde*, assim como nas duas narrativas anteriores Paim traz o mesmo espaço básico do Sítio Cruzeiro do Sul, em que delimita um núcleo de personagens, estando, assim, interligadas. Entendemos que essa estratégia narrativa tem a função de facilitar a possibilidade de reconhecimento por parte do leitor mirim. O espaço rural, contudo, remete à cena brasileira, com elementos da fauna e da flora pulverizados na obra, passando a ideia de tranquilidade e alegria, ambiente harmonioso, propício para o bom desenvolvimento da criança em formação e para potencializar a fantasia, estimulada por

Francisco Raposo- um professor aposentado; vale observar as palavras da vovó Mariana: “No sítio Cruzeiro do Sul tudo acontece: jerico fala, carta se desencanta, papagaio encabula mágico e meu espelho de Veneza conta história de trezentos anos” (PAIM, 1962, p.8). O papel da avó é fundamental para a organização do sítio e da família, entretanto, não de forma repressora, pois todos reconhecem a importância de participar nas tarefas do sítio, naturalmente. De forma geral, *A casa da coruja verde* coaduna-se com o projeto político de Alina Paim, traz reflexões de ordem ética no que tange ao convívio entre as pessoas. Essa idéia generosa de igualdade entre os homens, que se aproxima da justiça social, motivou a sua arte literária.

Aracaju, julho de 2019

*Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Maria Leal Cardoso*



# A CASA DA CORUJA VERDE

Para  
MARIA CRISTINA,  
Garota das boas notícias.

## SUMÁRIO

|                           |    |
|---------------------------|----|
| SORTE, CASA E CHAPÉU..... | 11 |
| VISTAS DO REINO .....     | 31 |
| CLUBE DAS LENDAS.....     | 41 |
| PREPARANDO VIAGEM.....    | 63 |
| NO RETIRO DA LUA.....     | 79 |

ALINA PAIM



**ALINA LEITE PAIM**

Estância/SE

(10 de setembro de 1919 - 1º de março de 2011)

## SORTE, CASA E CHAPÉU

**A** HISTÓRIA começa na véspera de São João. Perto da fogueira, com o rosto avermelhado das labaredas, Catita tirou a sorte da clara de ovo. Na manhã seguinte, depois de o copo ficar a noite inteira no sereno, a menina descobriu na água a figura de uma casa. Vovó Mariana e Henricão – jardineiro Mágico – examinaram muito sérios aquele desenho de clara de ovo.

— É casa — confirmaram.

Laurinho, que enxerga sempre diferente dos outros, viu um navio com bueiro grande. Afastada a opinião de Laurinho, restava reconhecer a casa do copo d'água. Catita fechou os olhos e o coração bateu apressado. Um nome pisca-piscava no pensamento. Desde março sonhava com esta casa, suas varandas e a amendoeira do pátio. Abriu os olhos e disse com a maior certeza.

— É a escola.

Vovó Mariana sorriu. Henricão puxou-lhe a trança com malícia.

— Não misture esperteza com São João.

Desde essa manhã da sorte, vovó Mariana não teve mais sossego. Perdeu malhas de tricô, viu cortado o vaivém de sua cadeira de balanço e foi obrigada a pesar duas vezes a farinha de trigo do bolo de domingo. Catita, sempre e sempre, culpada dos desastres. Aconteceu a primeira vez quando a vovó tricotava na varanda e a menina lhe gritou de surpresa.

- Acredita em santo?
- Em todos os santos!
- Se São João mandar recado, a senhora obedece?
- No século XX, santo não manda recado.
- E se mandar?
- Obedeço.

Vovó falou sem medir o alcance da palavra.

Catita bateu palmas, dançou em rodopio pela varanda e, em frente da cadeira de balanço, parou esfogueada. Jogou-se no colo da avó e deu-lhe um beijo na testa, tão estalado que os óculos de aros de tartaruga, cheios de susto, lhe escorregaram até a ponta do nariz.

— Obrigada! Muitinho obrigada.

No abraço apertado, o novelo de lã rolou nos tijolos da varanda e duas malhas escaparam da agulha de osso. Vovó Mariana ralhou:

— Quem já viu dessa invenção? Beijo, abraço e desastre. O mundo está pelo avesso. Garanto que o sonso do Henricão tem parte na manobra.

Inocente de ter virado o mundo pelo avesso, Henricão aparava, assoviando, a grama dos canteiros. Laurinho, de palanque no olho da mangueira, fiscalizava o horizonte do alto do seu mastro perdido no oceano. Brinca de novo de Cristóvão Colombo? Catita deixou de olhar o irmão para defender o amigo que lhe deu lenço azul, lenço de mágico.

— O culpado é São João. A sorte mandou me matricular na professora Helena.

Vovó Mariana, tantas e tantas vezes, se viu obrigada a afirmar a devoção aos santos, que resolveu meter a neta na escola.

Dr. Nelson retirou o dinheiro das páginas do terceiro volume da prateleira alta. O livro Mar que nos cerca é o seu cofre. Partiu



Henricão para a cidade e, à noite, voltou com dois cortes de fazenda, lã azul marinho e popelina branca.

Vovó Mariana, pensava, ao costurar a saia de pregas do uniforme. “Quem sabe mesmo se São João não me honrou com o recado? No sítio Cruzeiro do Sul tudo acontece: jerico fala, carta se desencanta, papagaio encabula mágico e meu espelho de Veneza conta história de trezentos anos.” Voltava a decifrar a sorte da clara de ovo. “Combina aquele desenho de casa com a escola de professora Helena? A escola é baixa com varandas... a casa do copo d’água tem uma puxada no meio do telhado, com formato de torre...” Vovó Mariana alinhavava pregas na saia e também alinhavava explicações para o recado celeste. “Talvez em vida, São João desenhasse melhor bichinhos de vôo. Contam os livros sagrados que o Santo, no deserto, comeu gafanhotos com mel. Gafanhoto tem asa e mel vem de abelha.”

Na última tarde das férias, foi Catita fazer matrícula.

Laurinho fez questão de levar a irmã. Foram discutindo. Só ele, Laurinho, sabia como ninguém ler uma sorte.

— É desenho de barco-caravela.

— Chi! Caravela não tem bueiro.

Laurinho engoliu em seco, entalado com o bueiro grande tão levemente esquecido.

\* \* \*

O portão da escola bateu, da varanda professora Helena vigiou a partida dos meninos. “Professora junto de trepadeira é tão bonito. Vou ser professora” – pensou Catita ao segurar a mão de Laurinho. Tinham de ir sem parar na estrada, beirando a cerca dos sítios. Vovó Mariana recomendou e recomendou. “Cumprimentem os conhecidos como gente educada. Pouca

conversa, não se atrasem.” Os conselhos de vovó eram borboletas voando na frente deles.

Apareceu o primeiro conhecido na figura de dona Júlia, magra e alta, um vestido cinzento feito nuvem de chuva. Era amiga de vovó e, para completar a comparação, falava ligeirinho e sem descanso como chuva batendo no telhado.

— Santo Deus! Vocês sozinhos na estrada! Onde está Mariana com a cabeça para consentir neste absurdo?

“Cumprimentem, cumprimentem” – gritava a borboleta do conselho.

— Boa tarde, dona Júlia – gritaram ao mesmo tempo Laurinho e Catita.

— Boa tarde, meninos.

D. Júlia encostou-se na cerca e dobrou o corpo para falar em segredo.

— Cheguem, cheguem perto.

Os garotos sentiam cheiro de novidade e juntaram-se mais, de olhos presos nos olhinhos miúdos de d. Júlia que dançavam e brilhavam como duas contas rolando pelo chão.

— Ainda não sabem? A estrada é perigosa. Não sabem? Todo mundo só fala nisso!

— Em que? – indagou Catita, na ponta dos pés.

“Deve ter um leão solto pelo mundo” – imaginou Laurinho.

— A Casa da Coruja Verde.

— Ora! – suspirou o menino. “A casa do caboclo Janjão.”

D. Júlia cresceu em toda a altura. Espigada no vestido cor de chuva, espetou um dedo no ar.

— Passem longe. Ninguém sabe o que ali se esconde.

D. Júlia desapareceu na curva e os meninos continuaram pensando naquilo. “Que aconteceu? Teria o jerico Pão-de-ló desandado a falar sem mágica? Fez Janjão alguma trapalhada?”

Laurinho imaginou a casa. Não conseguia imaginar direito. Na verdade não sabia nada sobre a casa. Era amigo do caboclo Janjão, trabalhador do sítio. A amizade se fez ali mesmo na estrada, nas saídas da escola.

Ao encontro deles, veio andando seu Prudêncio, um dos cento e vinte e três compadres de Henricão.

— Onde vai ciganinha?

— Não vou, já venho.

Laurinho mirou Catita. Cigana direitinho: saia rodada, blusa franzida, tranças de laçarote. “Que ideia de vovó! Que papel fiz eu, na escola, matriculando cigana!”

Catita afugentou de vez as borboletas dos conselhos. Puxou conversa macia.

— Sabe, seu Prudêncio, vamos olhar a Casa da Coruja Verde. Garanto que é casa como as outras.

Compadre Prudêncio parou definitivo. Um carro buzinou e ele se agarrou na cerca. Passado o susto, olhou Catita com a testa enrugada.

— Aquela casa, como as outras! Não diga isso. Tem terraço, sala quadrada de torre e ainda um mastro plantado nas telhas onde se balança a tal coruja.

Mirou em frente como se a casa estivesse diante dele.

— Aí tem mistério. E aquele sino a berrar lá dentro quando se puxa o cordão?

Laurinho estremeceu.

— Formidável! Terraço, torre, mastro, coruja, sino e um mistério.

— De que lado fica?

— Lado direito.

Compadre Prudêncio coçou a orelha preocupado.

— Só não acompanho vocês porque estou com pressa.

Afastou-se e, do barranco gritou.



— Passem longe. Cuidado!

Seu Prudêncio se perdeu na estrada. Atrás de seus passos ficou a história, pássaro vermelho a voar diante das crianças. Não existia perto uma só das borboletas de vovó Mariana. “Passem longe, cuidado!” Laurinho sentia-se audacioso, igual a Colombo em sua nau-capitânea.

— Quer ser imediato, Catita?

— O que é isso?

— A pessoa que vem depois do capitão.

A brincadeira é boa para o nariz de Laurinho mexer feito focinho de coelho.

— Quero.

— Vamos descobrir o mistério da casa da Coruja Verde?

Iam matutando. Deve ser casa bonita se possui sino e terraço. E o morador? O dono? Quem é ele?

Em marcha acelerada esbarraram no velho Teodoro.

Velho Teodoro entregava feixes de lenha, puxando seu burro enfezado, com focinho de poucos amigos. “Meu burro viu assombração” – explicava o velho Teodoro se alguém se admirava da feiura do animal. “Com burro também se pode dizer – quem vê focinho não vê coração. O coração de meu Jacinto é puro ouro-de-lei.” Quando Teodoro fala de amizade, vira simpatia a esquisitice do burro. Parados junto da cerca estavam o velho Teodoro e o burro de estimação.

— Como vai, seu Teodoro?

— Vou afugentando o frio do mundo com esses feixes de lenha. E vocês, meus filhos, que fazem por essa estrada sem a companhia de gente grande?

— A Casa da Coruja Verde?

Velho Teodoro pôs o dedo indicador nos lábios e, desconfiado, examinou em volta.

— Falem baixo. Por isso mesmo.

— Quem mora lá? – indagou Laurinho afobado, o sangue de descobridor em alvoroço.

— Uma criatura esquisita. São de arrepiar os cabelos os feitos do homem. Se meus olhos não tivessem visto, velho Teodoro não acreditava.

— Conte.

E ele contou.

Velho Teodoro descansava na varanda do sítio de Nicolau, bem em frente da Casa da Coruja Verde. O céu estava pesadinho de estrelas. E a lua? Benza Deus! Era lua-cheia bem criada. De repente, desandou a acontecer. O vento soprou, a “coruja verde” deu pra se virar no mastro: cro-ê-te, cro-ê-te. Até aí não assombra, aquela coruja é bicho de folhade-flandres. A porta da sala se abriu. Luz de lanterna furta-cor varreu o terraço, sem destino. Foi pendurada no poste, ao lado da porta. Saiu um homem para o terraço em guarda-pó de viajante do tempo antigo. Andou, andou e andou. O vento estufava o guarda-pó e o homem parecia encher e esvaziar. Afinal armou o tripé, esse negócio de retratista. Começou o homem a olhar o céu por um canudo. Espiava, espiava, como se o céu tão conhecido fosse movimento de figuras de cinema. Tirava retrato, assim pareceu. Quem já astuciou tirar retrato de estrela, retrato de lua? E assim ficou de pastor, pastoreando estrelas até de madrugada.

— Estou gostando dele – declarou Laurinho a esfregar as mãos uma na outra.

— Parece parente de Henricão.

Velho Teodoro pasmou.

— E juram vocês que gostam de Henricão!

“Esse homem, pastor de estrelas e retratista da lua, deve ter rosto.”

— Como é o homem? – quis saber Catita.

— Nunca o vi de perto. Pelo vulto na luz da lua, tem jeito de alto e forte. (Suspirou). Cheguem mais junto. (Cochichou). Dizem que a sala do terraço vive trancada, ninguém põe o pé da porta para dentro... Sala fechada com chave de prata.

— Chave de prata, uma beleza!

Velho Teodoro deu leve palmada no burro Jacinto e terminou pesaroso.

— Não acompanho os meninos porque estou de serviço.

De longe atirou o conselho.

— Passem longe. Cuidado!

\* \* \*

Quanto mais ouviam gente grande dizer – passem longe, cuidado! – mais Catita e Laurinho simpatizavam com a casa da Coruja e o seu respectivo dono. Só não descobriam como entrar na torre e conhecer o pastor de estrelas. A cinquenta metros do portão um acontecimento veio a ajuda-los.

Surgiu de repente diante deles um moço trajado de feltro cor-de-ferrugem, capacete dourado e chuteiras com asas no calcanhar. Segurava enorme embrulho com um laço de veludo negro.

— Sou Mensageiro.

Catita desconfiou. Não sabia que a farda do Correio era assim tão outra. Podia ser verdade porque vovó vive dizendo: “A bola do mundo gira e tudo vai mudando.” Mudou, da noite para o dia, a fardamenta do Correio.

— Mensageiro? – repetiu Catita a examinar aquele par de asas nos pés.

— Mensageiro de Encomendas Extraordinárias.

“Três nomes tão compridos combinam com o tamanho do embrulho. Não gosto é da roupa cor-de-ferrugem”. Laurinho aguardou o miolo da conversa.

— Entreguem esta caixa ao morador da Casa da Coruja Verde.

Laurinho ia estender os braços para tomar o embrulho quando Catita se atravessou entre o irmão e o Mensageiro.

— Não tem bicho na caixa?

Mensageiro de Encomendas Extraordinárias sorriu.

— Esta caixa encerra um tesouro. Desse tesouro, um só existe no mundo.

Mensageiro depositou a encomenda nos braços de Laurinho. Depositou-a com infinito cuidado, talvez a caixa estivesse gorda de fumaça, pronta a fugir, livre-livre como balão em busca das nuvens. “Leve feito mentira” – pensou Laurinho a segurar o tesouro.

— Adeus, Laurinho. Adeus, Catita...

A despedida soava do canto fugitivo. Mesmo assim, catita e Laurinho tiveram a impressão de ainda ouvir o adeus do mensageiro ao parar diante da Casa da Coruja Verde.

\* \* \*

Nada faltava naquela casa. Havia o terraço e a sala quadrada feito torre. No topo do mastro, a “coruja verde” mexia-se com o sopro manso do vento da tarde. Tudo isso os meninos viam pela grade do portão.

— Puxe a corda.

Também a corda a mão de Catita encontrou. Lá dentro, o sino respondeu ao puxão da menina. Porta se abriu. Um homem de cabelos bancos parou no batente, acostumando a vista aos derradeiros raios de sol. “Tem cara alegre e roupa descontraída: calça de mescla e camisa de xadrez” – reparou Catita vendo-o andar pelo caminho de pedras miúdas.

— Que desejam?

